



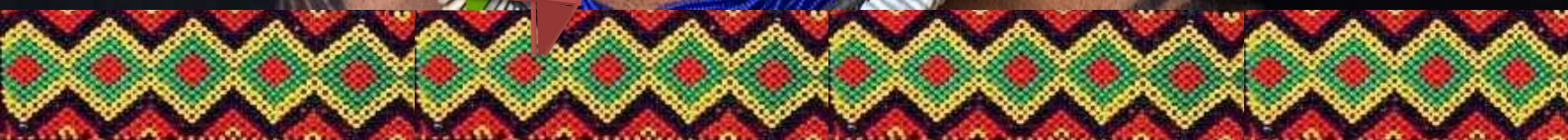
*Disciplina 8021215*  
*Atenção à Saúde Bucal*  
*em Populações Indígenas*  
*2021*



*Projeto Huka Katu*

*Cacique Raoni*

*Fonte: Greenpeace Brasil*  
<https://www.greenpeace.org>





## *SUMÁRIO*

### **Introdução – O PROJETO “HUKA KATU”**

- 1. Histórico da Saúde Brasileira**
  - 1.1 INÍCIO DA ATENÇÃO À SAÚDE NO BRASIL**
  - 1.2 OS PRIMEIROS MODELOS ASSISTENCIAIS DE SAÚDE**
  - 1.3 OS MODELOS ASSISTENCIAIS EM SAÚDE BUCAL NO BRASIL**
  - 1.4 ASSISTÊNCIA À SAÚDE E PREVIDÊNCIA SOCIAL**
  - 1.5 COMO SURTIU O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE?**
  - 1.6 LEI ORGÂNICA DE SAÚDE**
  - 1.7 A DESCENTRALIZAÇÃO DA SAÚDE NO CONTEXTO DA REFORMA SANITÁRIA**
  - 1.8 MECANISMO REGULADOR DA DESCENTRALIZAÇÃO DA SAÚDE**
  - 1.9 PACTO PELA SAÚDE**
  - 1.10 FINANCIAMENTO DO SUS**
  - 1.11 CONTROLE SOCIAL**
- 2. Políticas públicas de saúde**
  - 2.1 ATENÇÃO PRIMÁRIA NO CONTEXTO DO SUS - ESTRATÉGIA DA SAÚDE DA FAMÍLIA**
  - 2.2 POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE**
  - 2.3 POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INDÍGENA – princípios**
  - 2.4 POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE BUCAL**
- 3. Institucionalização da Saúde Indígena**
  - 3.1 A POPULAÇÃO INDÍGENA BRASILEIRA**
  - 3.2 O PARQUE INDÍGENA DO XINGU**
  - 3.3 SISTEMA POLÍTICO INDÍGENA – BREVE RELATO**
  - 3.4 PROCESSOS POLÍTICOS NA ATENÇÃO À SAÚDE INDÍGENA**
  - 3.5 MOMENTOS HISTÓRICOS RELEVANTES**
  - 3.6 ATUALIDADE DA REFORMA SANITÁRIA NO AMBIENTE DO SUBSISTEMA**
- 4. Estrutura e organização da atenção à saúde bucal indígena**
  - 4.1 O QUE É PRECISO NA ATENÇÃO À SAÚDE BUCAL DA POPULAÇÃO?**
  - 4.2 O RETRATO DA SAÚDE BUCAL BRASILEIRA**
  - 4.3 A ORGANIZAÇÃO DAS AÇÕES DE SAÚDE BUCAL NO DSEI**
  - 4.4 BASES PARA REORIENTAÇÃO DAS AÇÕES DE SAÚDE BUCAL NO DSEI**
- 5. A saúde bucal na atenção básica como modelo à saúde indígena**
  - 5.1 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DAS AÇÕES**
  - 5.2 CONHECENDO A SITUAÇÃO LOCAL - DSEI XINGU**





### **5.3 SITUAÇÕES DE RISCO**

### **5.4 PLANEJAMENTO DAS AÇÕES**

### **5.5 AÇÕES COLETIVAS DE PROMOÇÃO E PREVENÇÃO**

## **6. Os profissionais e a saúde bucal indígena**

### **6.1 COMPETÊNCIAS E O PERFIL DO PROFISSIONAL NA SAÚDE BUCAL INDÍGENA**

### **6.2 ATRIBUIÇÕES COMUNS A TODOS OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE BUCAL**

### **6.3 ATRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS DO CIRURGIÃO-DENTISTA (CD)**

### **6.4 ATRIBUIÇÕES DO TSB E ASB**

### **6.5 ATRIBUIÇÕES DO AGENTE INDÍGENA DE SAÚDE**

### **6.6 AVALIAÇÃO E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO**

## **7. Diretrizes gerais do projeto Huka-Katu**

### **7.1 ELENCO DE PROCEDIMENTOS**

### **7.2 ESTRATÉGIAS COLETIVAS DE CONTROLE DAS DOENÇAS BUCAIS**

### **7.3 PROCEDIMENTOS INDIVIDUAIS**

### **7.4 NECESSIDADES, REABILITAÇÃO E ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA**





## *Introdução - O PROJETO "HUKA KATU"*

A expressão "Huka Katu" vem da língua Kamaiurá do tronco tupi guarani e significa "Sorriso lindo". Ela foi ofertada por esta etnia e escolhida pela comunidade forpiana durante a 1ª Mostra do Projeto da FORP/USP no Xingu, que integrou o elenco de atividades da Jornada Acadêmica promovida pelo Centro Acadêmico Carneiro Leão, em 2004.

Este projeto acadêmico tem por objetivo primordial desenvolver competências, habilidades e atitudes necessárias ao profissional da área de saúde bucal que se dispõe a atuar no subsistema de saúde indígena. Para tanto, desenvolve ações de saúde bucal, na atenção básica (aldeias do Parque Indígena do Xingu), mas guarda compromisso com a integralidade, quer dizer, desenvolve ações de promoção, prevenção e recuperação da saúde bucal em aproximadamente seis mil indivíduos presentes nas regiões do alto, médio, baixo e leste do Parque Indígena do Xingu.

Iniciado em março de 2004 em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), nossa grande anfitriã, o projeto durou de forma contínua até 2010, com quatro entradas ao ano. No primeiro período, o projeto foi financiado pelo Ministério da Saúde por intermediação da Autarquia Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Posteriormente, para a entrada de 2012, o projeto foi financiado pelo Ministério da Educação via edital do PROEXT. Atualmente é financiado pela Pró-reitoria acadêmica da Universidade de São Paulo e pela Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP-USP).

Como já mencionado acima, o projeto se propõe a atuar em culturas distintas à nossa, o que exigirá dedicação e atenção para conceitos como: interculturalidade, ética, etiqueta e estética, uma vez que, os estudantes candidatos deverão avançar para além do trabalho técnico já incorporado pela maioria. É que nossa atuação será em comunidades que utilizam uma lógica



colaborativa, por isso, é fundamental criar sensibilidade para novas questões. Assim convidamos a todos a assistirem o vídeo abaixo para uma primeira aproximação a esta nova realidade.

### Saúde Indígena - Xingu - 2min23 -

<https://www.youtube.com/watch?v=qUFN5PvYQCo>

Vídeo introdutório sobre o Parque Indígena do Xingu

### - A construção de uma nova narrativa –

#### Os estrangeiros somos nós - O Projeto “Huka Katu”

Provavelmente nosso imaginário a respeito da sociedade indígena é iniciada na infância e se consolida no decorrer da vida. Com isto, a consciência coletiva da sociedade brasileira tem sido construída por meio de experiências, da literatura, histórias contadas por bandeirantes, portugueses, mascates, etc. Só recentemente demos a palavra ao “índio”, e para que ela faça sentido precisaremos retornar no tempo e entender a história, para construir um diálogo futuro e dar a verdadeira dimensão da sua participação na construção da nossa sociedade e cultura. Afinal, ela é uma de nossas matrizes étnicas, contribuiu e contribui na formação do conceito de cidadania. Para compreender aquele que agora ocupa seu “lugar de fala” e sua cultura, selecionamos dois conteúdos presentes na literatura brasileira. Sendo estas, duas obras básicas, referências do seu tempo e que também ainda é nossa: **“Os Sertões” Euclides da Cunha** e **“O povo Brasileiro” Darcy Ribeiro**, e ainda, para aqueles que desejarem, poderão contribuir sugerindo novos textos e obras.





## Euclides da Cunha “Os Sertões” - (1902)

### Capítulo I

#### Complexidade do problema etnológico no Brasil

Adstrita às influências que mutuam, em graus variáveis, três elementos étnicos, a gênese das raças, mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos.

Está apenas delineado.

A fase primordial da questão da nossa identidade enquanto sociedade, ficou assim aclarada. Quer resultem do “o homem da Lagoa Santa” cruzado com o pré-colombiano dos “sambaquis”; o se derivem, altamente modificados por ulteriores cruzamentos e pelo meio, de alguma raça invasora do Norte, de que supões oriundos os tupis tão numerosos na época do descobrimento – os nossos silvícolas, com seus frisantes caracteres antropológicos, podem ser considerados tipos evanescentes de velhas raças autóctones da nossa terra.

Esclarecida deste modo a preliminar da origem do elemento indígena, as investigações convergiram para a definição da sua psicologia especial; e enfeixarem-se, ainda, em algumas conclusões seguras.

Não precisamos revivê-las. Sobre faltar-nos competência, nos desviaríamos muito de um objetivo prefixado.

Os dois outros elementos formadores, alienígenas, não originaram idênticas tentativas. O negro banto, ou cafre, com suas modalidades, foi até neste ponto o nosso eterno desprotegido. Somente nos últimos tempos um investigador tenaz, Nina Rodrigues, subordinou a uma análise cuidadosa a sua religiosidade original e interessante.

Qualquer, porém, que tenha sido o ramo africano para aqui transplantado trouxe, certo, os atributos preponderantes do *homo after*, filho de paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que em quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força.



Quanto ao fator aristocrático de nossa *gens*, o português, que nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta, está, por sua vez, malgrado o complicado caldeamento de onde emerge, de todo caracterizado.

Conhecemos, deste modo, os três elementos essenciais, e, imperfeitamente embora, o meio físico diferenciador – e ainda, sob todas as suas formas; as condições históricas adversas ou favoráveis que sobre eles reagiram. No considerar, porém, todas as alternativas e todas as fases intermédias desse entrelaçamento de tipos antropológicos de graus díspares nos atributos físicos e psíquicos, sob os influxos de um meio variável, capaz de diversos climas, tendo discordantes aspectos e opostas condições de vida, pode afirmar-se que pouco nos temos avantajado. Escrevemos todas as variáveis de uma fórmula intrincada, traduzindo sério problema; mas não desvendamos todas as incógnitas [...]

O brasileiro, típico abstrato que se procura, mesmo no caso favorável acima firmado, só pode surgir de um entrelaçamento consideravelmente complexo.

Teoricamente ele seria o *pardo*, para que convergem os cruzamentos do mulato, do curiboca e do cafuzo. E continua:

### ***Um parêntese irritante***

A mistura de raças mui diversas é na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é quase sempre um desequilibrado. [...] Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço – mulato, mameluco ou cafuz – menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos



ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. [...] Impotente para formar qualquer solidariedade entre as gerações opostas, de que resulta, reflete-lhes os vários aspectos predominantes num jogo permanente de antíteses. E quando avulta – não são raros os casos capazes das grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa (salvante os casos excepcionais cujo destaque justifica o conceito) sobre moralidade rudimentar, em que se pressente o automatismo impulsivo das raças inferiores.

**Darcy Ribeiro – “O povo Brasileiro” – (1975)**

### **MATRIZES ÉTNICAS**

#### **A ilha Brasil**

Nos últimos séculos, índios de fala tupi, bons guerreiros, se instalaram dominadores, na imensidade da área, tanto à beira-mar, ao longo de toda a costa atlântica e pelo Amazonas acima, como subindo pelos rios principais como o Paraguai, o Guaporé, o Tapajós, até as nascentes. Prefigurando deste modo o chão da América do Sul, o que viria a ser o nosso país. Não era obviamente uma nação, porque eles não se sabiam tantos nem tão dominadores. Eram tão só uma miríade de povos tribais, falando línguas do mesmo tronco, dialetos de uma mesma língua, cada um dos quais, ao crescer, se bipartia, fazendo dois povos que começavam a se diferenciar e logo se desconheciam e se hostilizavam.

Se a história, acaso, desse a esses povos Tupi uns séculos a mais de liberdade e autonomia, é possível que alguns deles se sobrepusessem aos outros, criando chefaturas sobre territórios cada vez mais amplos e forçando os povos que neles viviam a servi-los, os uniformizando culturalmente e desencadeando, assim, um processo oposto ao de expansão por diferenciação.

Nada disso sucedeu. O que aconteceu, e mudou total e radicalmente seu destino, foi a introdução no seu mundo de um protagonista novo, o europeu. Embora minúsculo, o grupelho recém-chegado de além-mar era super agressivo e capaz de





atuar destrutivamente de múltiplas formas. Principalmente como uma infecção mortal sobre a população preexistente, debilitando-a até a morte.

Esse conflito se dá em todos os níveis, predominantemente no biótico, como uma guerra bacteriológica travada pelas pestes que o branco trazia no corpo e eram mortais para as populações indígenas. No ecológico, pela disputa do território, de suas matas e riquezas para outros usos. No econômico e social, pela escravidão do índio, pela mercantilização das relações de produção, que articulou os novos mundos ao velho mundo europeu como provedor de gêneros exóticos, cativos e ouros.

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados do seu viver gentílico, os negros trazidos da África e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes étnicas à medida que elas iam sendo desfeitas.

Reconstruir esse processo entendê-lo em toda a sua complexidade, foi o objetivo de Darcy Ribeiro no livro “O Povo Brasileiro”. O que em suas palavras pareceu impossível, porque só temos o testemunho de um dos protagonistas, **o invasor**.

[...] apesar da unidade linguística e cultural que permite classificá-los numa só macroetnia, oposta globalmente aos outros povos designados pelos portugueses como *tapuias* (ou inimigos), os índios do tronco tupi não puderam jamais unificar-se numa organização política que lhes permitisse atuar conjugadamente. Sua própria condição evolutiva de povos de nível tribal fazia com que cada unidade étnica, ao crescer, se dividisse em novas entidades autônomas que, afastando-se umas das outras, iam se tornando reciprocamente mais diferenciadas e hostis.

No Brasil, de índios e negros, a obra colonial de Portugal foi também radical. Seu produto verdadeiro não foram os ouros afanosamente buscados e achados, nem as mercadorias produzidas e exportadas. Nem mesmo o que tantas riquezas permitiram erguer no Velho Mundo. Seu produto real foi um povo-nação, aqui plasmado principalmente pela mestiçagem, que se multiplica prodigiosamente como



uma morena humanidade em flor, à espera do seu destino. Claro destino, singelo, de simplesmente ser, entre povos, e de existir para si mesmo.

Em conclusão

Fala-se muito, da preguiça brasileira, atribuída tanto ao índio indolente, como ao negro fujão e até as classes dominantes viciosas. Tudo isto é duvidoso demais frente ao fato do que aqui se fez, e se fez muito, como a construção de toda uma civilização urbana nos séculos de vida colonial, incomparavelmente mais pujante e mais brilhante do que aquilo que se verifica na América do Norte, por exemplo. A questão que se põe é entender por que eles, tão pobres e atrasados, rezando em suas igrejas de tábuas sem destaque em qualquer área de criatividade cultural, ascenderam plenamente à civilização industrializada, enquanto nós mergulhamos no atraso.

As causas desse descompasso devem ser buscadas em outras áreas. O ruim aqui, e efetivo valor causal do atraso, é o modo de ordenação da sociedade, estruturada contra os interesses da população, desde sempre sangrada para servir os desígnios alheios e opostos aos seus. Não há, nunca houve, aqui um povo livre, regendo seu destino na busca de sua própria prosperidade. O que houve e o que há é uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida por uma minoria dominante, espantosamente eficaz na formulação e manutenção de seu próprio projeto de prosperidade, sempre pronta a esmagar qualquer ameaça de reforma da ordem social.

### **A ALMA ANCESTRAL BRASILEIRA**

<https://youtu.be/ZPon2i7Ya18>



## *Referências*

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.



Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br>